

CABEÇA DE FERRO, PEITO DE AÇO, PERNA DE PAU: A CONSTRUÇÃO DO CORPO ESPORTISTA BRINCANTE

Heber Eustáquio de Paula¹

RESUMO

O confronto das teorias da ludicidade com o cotidiano de jogadores profissionais de futebol levou-me a investigar as seguintes questões: do ponto de vista das teorias acerca da ludicidade, pode um atleta profissional vivenciá-la em sua atividade? O que a história do futebol brasileiro nos revela sobre os princípios da ludicidade? Considerando o futebol profissional brasileiro, pode um jogador atuar de forma lúdica em a sua profissão? Buscando compreender essas e outras indagações, analisamos a história do futebol no contexto sociopolítico brasileiro, evidenciando os aspectos centrais da atuação dos atores sociais nesse meio. A história de vida de Dario José dos Santos, ex-jogador profissional de futebol, juntamente com as entrevistas de apoio realizadas com outros atores sociais, como ex-jogadores, treinadores; jornalistas ligados ao futebol e à trajetória de Dario, bem como a análise de material videográfico, fotográfico e de outras fontes documentais, serviram como referencial básico para a compreensão do cotidiano do futebol profissional brasileiro à luz da literatura relacionada à ludicidade. Essa articulação metodológica revelou o futebol brasileiro como um campo onde se cruzam inúmeros interesses sociais, econômicos, políticos, culturais; como um cenário onde os movimentos de conformismo e resistência sociocultural se entrelaçam permitindo aos seus diversos sujeitos o exercício de variados papéis. A trajetória de Dario José dos Santos como esportista evidenciou a possibilidade da vivência lúdica no cotidiano do futebol profissional, contrariando assim os pressupostos da teoria proposta por Huizinga acerca da ludicidade. Personificando o corpo do “esportista brincante”, Dario nos indica o potencial transformador e revolucionário do esporte profissional na medida em que suas ações fundaram-se principalmente no prazer de jogar, no respeito aos limites do outro, na forma criativa e crítica de dialogar com a bola e com os outros sujeitos sociais, no desejo da construção coletiva das jogadas, bem como na alegria de fazer os outros sorrirem e festejarem. Essas conclusões corroboram a opinião de alguns estudiosos da ludicidade, que apontam para a necessidade de redimensionamento do esporte na perspectiva lúdica.

UNITERMOS: História de vida, ludicidade, esporte.

SOBRE OS DADÁS, O ESPORTE E O LÚDICO

O esporte, como todas as realizações humanas, está permeado pela complexidade da vida das sociedades que o produzem, ou seja, que ele não se faz apenas por motivações puramente “esportivas”, mas também pelos diversos interesses e contradições presentes no contexto social. Não nos importa, então, como profissionais, tão-somente produzir o esporte, mas também buscar compreendê-lo e discuti-lo enquanto realização humana e social.

O esporte, enquanto fenômeno contemporâneo mundial, apesar de ter assumido as características hegemônicas das sociedades nas quais se instalou, foi também influenciado por interesses regionalistas específicos a cada modalidade, considerando o ambiente cultural em que se desenvolve. Nesse sentido podemos dizer que o futebol no Brasil como fenômeno sociocultural, além de ter sido impulsionado pela força de um movimento em nível mundial, assumiu também diretrizes e características específicas que retratam as peculiaridades do encontro da cultura brasileira com o fenômeno esportivo, numa construção historicamente colocada pela interface de seus atores sociais com o cotidiano desse esporte no País.²

As diretrizes básicas do movimento esportivo mundial foram gestadas no final do século XIX, principalmente a partir da experiência das *public schools* na Inglaterra. O esporte, portanto, possui, no seu embrião, um conjunto de valores éticos, morais e educativos que o identificam com a burguesia e com a aristocracia emergente do período da revolução industrial. Dessa forma, esse conjunto de valores vem sendo disseminado, reconstruído e reinterpretado à medida que o esporte se propaga pelo mundo.

Esses paradigmas, entretanto, não se detêm no estudo das nuances entre os diversos sujeitos e seus diferentes papéis sociais na produção da atividade esportiva. Eles partem, em geral, de análises macroestruturais que não consideram, muitas vezes, os aspectos simbólicos e as diferenças nos interesses e motivações dos vários atores envolvidos. Além disso, as funções do esporte na sociedade não são isentas de controvérsias, não estão claramente definidas, nem são facilmente conhecidas ou foram totalmente inventariadas.³

Vários pesquisadores do esporte, e em especial do futebol, muitas vezes, pela ausência de um instrumental metodológico que seja capaz de perceber estas nuances, passam a entendê-lo como um campo de

¹ Prof. do Depto. de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Educação Física UFMG.

² BOURDIEU, 1983.

³ SANTIN, 1994.

relações em que a ação dos seus sujeitos estaria delimitada em função do seu comprometimento com a manutenção da ordem vigente, pela postura acrítica que assumem diante da realidade social. Nessa análise, a ação do jogador profissional de futebol e dos demais sujeitos sociais estaria a serviço dos interesses da elite e dos governos que se utilizam do futebol, muitas vezes, para mascarar as dificuldades da vida cotidiana do povo. Essa ação assume, então, uma postura passiva e por conseguinte, em concordância com o *status quo*, no sentido da manutenção de privilégios para determinados grupos ou classes sociais.

O entendimento das formas de ação dos jogadores profissionais de futebol no cotidiano desse esporte e da sua interação com os outros personagens, como torcedores, jornalistas e dirigentes, dentre outros, pode nos ajudar a compreender melhor a história do futebol brasileiro e as múltiplas relações sociais presentes na construção do seu cotidiano.

A problemática deste estudo iniciou-se quando entrei em contato com alguns estudos sobre a ludicidade e percebi que, do ponto de vista de alguns autores, existe uma incompatibilidade entre o esporte profissional e a vivência lúdica; isto é, na opinião desses autores, o esporte profissional não contém a dimensão lúdica.

As primeiras teorias da ludicidade, de maneira geral, são fundadas em visões parciais do ser humano, enfatizando funções hereditárias e biológicas e desconsiderando nuances sociais, culturais e históricas.⁴

Além disso, essas teorias, na sua maioria, não se baseiam em dados coletados no cotidiano social, mas preponderantemente em observações sobre a organização das atividades lúdicas na tentativa de identificar seus elementos básicos e sua estética.

A contraposição entre as atividades lúdicas e o esporte profissional está bastante evidenciada na afirmação de alguns autores. A forma pela qual o esporte moderno se constituiu enquanto fenômeno sociocultural, em consonância com os valores hegemônicos em nossa sociedade, parece confirmar essa oposição, principalmente no nível do esporte profissional. Mas será que essa incompatibilidade realmente existe? Será que ela se confirma no cotidiano do futebol profissional brasileiro?

Uma estudo que objetive a análise das questões aqui propostas necessitaria considerar o cotidiano vivido pelos jogadores profissionais de futebol e demais sujeitos sociais envolvidos nesse processo. O relato dos atores sociais sobre os acontecimentos de sua “vida esportiva” pode esclarecer os questionamentos levantados, ampliando a discussão do esporte na perspectiva lúdica.

As ciências sociais em geral e a história dispõem de metodologias próprias para lidar com questões dessa natureza. No contexto da pesquisa qualitativa, os relatos orais nos permitem, como coloca Alberti, “estudar

acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam”.⁵

A *história de vida*, enquanto metodologia de captação de dados do cotidiano social, proporciona uma possibilidade de investigação nesse campo, mesmo que a coleta de dados considere uma única trajetória individual.⁶

Apesar de estar sendo utilizada pelos cientistas sociais desde os anos 20, este método de investigação passou por um período de “esquecimento” devido ao emprego quase que exclusivo de métodos quantitativos. A partir dos anos 40 a história de vida, bem como os demais instrumentos vinculados à pesquisa qualitativa foram relegados a um plano secundário; pela utilização quase que exclusiva de métodos de caráter estatístico como os “censos” e “levantamentos por amostragem estatística”.

Ela ressurge, na atualidade, revigorada pelas próprias limitações apresentadas pelas metodologias quantitativas, como os *surveys*, na medida em que tais métodos escondem em seus dados estatísticos os valores, emoções, percepções e preconceitos do pesquisador de uma maneira perigosa, porque invisível. Além disso, o aparecimento, em meados do século XX, de novas tecnologias para o registro de imagens e de som conduziu a um repensar da prática da história.⁷

Nas ciências sociais, no Brasil, a utilização desse tipo de metodologia remonta à década de 50, nos trabalhos produzidos na USP. No caso específico dos pesquisadores da Educação Física brasileira, essa metodologia raramente vem sendo utilizada, devido também à histórica tendência quantitativa dessa área e ao pouco conhecimento acerca do potencial de tais formas de investigação.⁸

Em virtude de sua riqueza de detalhes, a história de vida pode ser útil na análise da pertinência das teorias existentes acerca da ludicidade, bem como na geração de novas hipóteses que possam contribuir para a rediscussão e compreensão das questões por nós colocadas à luz de dados oferecidos pelos próprios sujeitos sociais envolvidos no cotidiano social do esporte como atletas profissionais.

A “história de vida” constitui, então, um meio de investigação social no qual, a partir de um dado singular, obtém-se conhecimentos sobre uma comunidade ou sociedade, e sobretudo oferece uma referência de como os processos sociais são vivenciados e percebidos pelos atores que os viveram..

Assim sendo, decidi buscar respostas para as minhas indagações tendo como base de dados a ótica de um ex-atleta que se envolveu durante um largo período de sua vida com o esporte profissional. Decidi estudar o

⁵ ALBERTI, 1990. p. 2.

⁶ BECKER, 1993.

⁷ HAGUETTE, 1992.

⁸ *Ibidem*.

⁴ BRUHNS, 1989.

problema a partir de uma vivência individual para a compreensão do problema.

A princípio, pode-se questionar como uma única história de vida pode testar teorias e gerar hipóteses em relação a um fenômeno social tão amplo como o futebol profissional no Brasil. O fato é que, discorrendo sobre sua própria vida, o narrador fala também de uma infinidade de influências externas, ou seja, do meio social em que vive, da coletividade a que pertence, das relações e percepções de outros atores, além de se posicionar diante desse quadro. Dessa forma, uma trajetória de vida refletirá aspectos sociais do grupo no qual a pessoa se constitui, sua camada social, seu grupo étnico.⁹

Queiroz argumenta que, com relação à metodologia da história de vida, faz-se necessário ter o conhecimento da natureza, das possibilidades e dos limites metodológicos, uma vez que a técnica de história de vida implica que o relato de um personagem em especial seja tomado como centro das observações. O material obtido poderia ser considerado como eminentemente subjetivo, pois os relatos, naturalmente, sofrem distorções devido à forma como o historiado percebe a realidade.

Rebatendo esse entendimento, essa autora argumenta que cada indivíduo é produto e produtor da realidade em que está inserido; e além de possuir suas diretrizes próprias, recebe influências de outros fatores condicionantes oriundos do meio social e cultural em vive. Assumindo essa linha de argumentação, percebemos que a história de vida representa numa metodologia de análise sociológica na medida em que são inscritas no indivíduo as determinantes sociais e culturais do seu tempo e dos grupos humanos por onde transita.¹⁰

Dessa forma me foi possível estudar questões pouco exploradas no nível do cotidiano social do futebol profissional brasileiro e construir um primeiro diagnóstico sobre elas, considerando a história de vida de um dado ator social em especial e as entrevistas temáticas com alguns outros atores que com ele conviveram. As opiniões desses atores, seus valores e suas ações, foram analisados considerando o contexto social e o momento histórico em que aconteceram. Assim, através da análise de discurso pude desvelar na aparência da mensagens relatadas as informações que se ocultavam.¹¹

A história de vida implica num exaustivo esforço de, através do estudo da biografia e em repetidos contatos com o historiado, acessar ao processo de sua constituição como ator social. No presente estudo, tivemos três encontros preliminares com o historiado com o objetivo de esclarecer os seus propósitos buscando obter o consentimento para a coleta da entrevista. Realizamos quatro encontros que nos permitiram colher em torno de oito horas de gravação. Tal esforço demandou um

profundo diálogo entre o pesquisador e sua fonte oral da qual buscamos fazer emergir sua origem e seu processo de inserção social, a forma pela qual vivenciou processos como escolarização, formação intelectual e profissional, relação familiar e com outros agentes sociais. Esse entendimento profundo sobre o historiado permitiu uma melhor compreensão de sua própria percepção e participação nos processos sociais em que esteve envolvido, dimensionando seus interesses e suas ações, dentro de um quadro mais amplo.

Já as entrevistas temáticas ou de apoio, realizadas com outros atores sociais, atuaram no sentido de aprofundar determinados fatos ou circunstâncias da vida do historiado, trazendo mais detalhes sobre temas específicos, além de servir para o cruzamento de informações presentes nos diversos relatos e em outras fontes.¹²

A nossa opção pela metodologia da história de vida não partiu do interesse específico pela trajetória deste ou daquele ex-atleta. A escolha do entrevistado foi, neste caso, uma decisão metodológica posterior. Se dessa forma não o fosse, optaríamos por construir uma biografia do sujeito, mas esta claramente não foi a nossa intenção.

Havia um número ilimitado de possibilidades de escolha do entrevistado. Poderíamos abordar, a princípio, qualquer ex-jogador profissional de futebol. Mas quem seria? Um ex-jogador profissional de futebol com trajetória relevante no cenário nacional que estivesse disponível para falar sobre sua vida. Uma pessoa que voluntariamente se dispusesse a participar do estudo pela oportunidade de reviver momentos significativos de sua vida e que, na perspectiva do pesquisador, pudesse auxiliar na elucidação da problemática do estudo.

Optamos então por historiar o ex-jogador *Dario José dos Santos*. Embora não fosse o mais indicado em termos de disponibilidade e de economia dos recursos empregados, em função de desempenhar atividades de trabalho em vários campos e localidades do País, ele era, do ponto de vista da temática e dos objetivos do trabalho, um dos nomes mais significativos em função da sua trajetória dentro do futebol profissional brasileiro.¹³

Uma vez obtido o consentimento para a realização da entrevista – o que foi negociado através de contatos preliminares – procurei esclarecer a natureza e os objetivos do estudo, e também estabelecer, antecipadamente, alguns balizamentos temáticos para as primeiras entrevistas. Também procurei, antecipadamente, me informar o máximo possível sobre o historiado, com o intuito de tornar os contatos sempre mais proveitosos. À medida que transcorriam as entrevistas, surgiam indicações de novos atores a serem investigados em entrevistas apoio, além de fontes documentais, tais como

⁹ QUEIROZ, 1988.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Busquei compreender cada fala a partir de quem falou, quando falou, como falou, porquê falou, para quê e para quem falou.*

¹² *Neste estudo realizamos entrevistas de apoio com três outros depoentes, perfazendo aproximadamente seis horas de gravação. Essas fontes nos foram indicadas nos encontros com o historiado, ou através de informações que obtivemos do estudo da sua biografia.*

¹³ ALBERTI, 1990.

matérias em jornais e gravações de entrevistas na televisão. O trabalho de coleta dos depoimentos foi realizado permitindo ao historiado discorrer sobre sua vida através de uma relação de entrevista favorável, na qual pesquisador e pesquisado dialogam e refletem, informal e sinceramente, sobre os acontecimentos do passado, sob um clima de cumplicidade.¹⁴

Além das fontes orais, fontes documentais também foram utilizadas no estudo, como arquivos de gravações de jogos e entrevistas em rádio e televisão, arquivos de fotos, os depoimentos de um outro ex-jogador contemporâneo, que com ele atuou como seu marcador em campo, de um ex-treinador e de um jornalista que acompanhou o início da sua carreira. Essas informações permitiram-nos transitar entre os aspectos gerais e particulares da história de vida em questão, considerando o ambiente social dos sujeitos envolvidos.

O confronto das informações coletadas com o referencial teórico foi o que permitiu analisar as possibilidades lúdicas do futebol profissional – temática central deste trabalho.

Nesse sentido, a história de vida pôde, mais do que outras metodologias, oferecer-me uma noção de processos sociais que ocorreram no cotidiano do futebol brasileiro. Isso não significa que os resultados obtidos da análise da vida do historiado tenha um caráter generalizante, mas ela pode representar um caso negativo que eventualmente colocará sob suspeita a teoria em questão, levando a novos estudos.

Na organização deste trabalho, após a análise da biografia do entrevistado e da coleta de sua história de vida, verifiquei que, antes de empreender uma tentativa de leitura e discussão dos possíveis aspectos da ludicidade presentes na sua vivência, seria necessário me aprofundar mais no conhecimento da história do futebol brasileiro, uma vez que percebi em diversos depoimentos a presença de elementos que tinham sua origem em momentos históricos muito anteriores.¹⁵

A minha intenção quando busquei a história do futebol brasileiro, foi captar o ambiente social, os interesses, as relações e as motivações das quais resultaram as opiniões e ações relatadas pelo historiado, bem como os aspectos das falas dos demais atores sociais entrevistados, referenciando-os ao contexto histórico em que ocorreram e procurando estabelecer ligações entre o discurso dos personagens e a evolução histórica do futebol no Brasil.

¹⁴ *Ibidem.*

¹⁵ *Os atores sociais com os quais trabalhamos tiveram sua trajetória profissional no futebol compreendida entre as décadas de 70 e 80. O profissionalismo no futebol, embora implantado oficialmente desde 1933, tem ainda nessas décadas, como até hoje, contradições marcantes. Surgiu então a necessidade de acompanhar, de forma atenta, o desenvolvimento do futebol brasileiro enquanto fenômeno sociocultural à luz de diversos estudiosos e de algumas obras sobre a história do futebol no País com o objetivo de perceber as relações entre a fala dos entrevistados e o ambiente social que envolve as suas percepções.*

Decidi então, explicitar os aspectos socioculturais do fenômeno esportivo no Brasil, focalizando o futebol como manifestação específica. Procurei analisar a trajetória histórica do futebol brasileiro desde a sua implantação até nossos dias, na tentativa de elucidar alguns aspectos presentes na história de vida coletada, esclarecendo suas origens e seu significado.

Nesse sentido, procurei transitar entre a história de vida coletada – alicerçada também pelos demais depoimentos de apoio e outras fontes documentais – e a história do futebol brasileiro, nos diversos aspectos que o constituíram como fenômeno sociocultural, na perspectiva de discutir a temática central, que é a relação do jogador profissional de futebol com o aspecto lúdico de sua atividade, buscando perceber suas ações, interações e formas de expressão.

Busquei reunir e algumas percepções ocorridas durante o processo de construção deste trabalho. Procurei levantar questionamentos e possíveis entendimentos sobre a temática lúdica no esporte, tomando base a reflexão em três planos: as teorias da ludicidade, o ambiente histórico no qual se desenvolveu o futebol brasileiro e a história de vida de Dario José dos Santos. A permeabilidade entre esses três planos de análise permitiu vislumbrar algumas hipóteses de compreensão das possibilidades de manifestação da atividade lúdica no caso específico do futebol brasileiro.

Percebemos, ao longo do nosso trabalho, que o desenvolvimento do futebol brasileiro, em suas características e em seu estilo inconfundível, deu-se em estreita relação com o processo de incorporação de novos personagens no cotidiano desse esporte ao longo do tempo. A história do futebol no Brasil, a criação e a adoção do “futebol-arte” como estilo brasileiro em todos os momentos nos revela que a manifestação da ludicidade não se encontra dissociada do ambiente social mais amplo, mas, ao contrário, instala-se a partir deste, através das ações dos seus atores em cada momento. A manifestação do aspecto lúdico no esporte profissional, pelo menos no caso do futebol brasileiro, está ligada às intenções, desejos, interesses, possibilidades e atitudes de seus personagens possuem no cotidiano social.

Nesse sentido, o jogador profissional de futebol atua produzindo o espetáculo esportivo no seu momento mais significativo. A despeito de inúmeras limitações de sua ação, das motivações extrínsecas e dos interesses diversos, as partidas de futebol revelam, nas ações de seus principais personagens, uma riqueza de aspectos da ludicidade que merece ser lida na sua linguagem singular.

Na medida em que olharmos, através de lentes atentas, para os aspectos que revelam o esporte profissional como uma produção humana, prazerosa, criativa e crítica, indissociável portanto de seu aspecto lúdico, podemos ampliar o nosso entendimento sobre esse fenômeno cultural e sobre as sociedades que o produzem, aumentando o nosso poder de atuar sobre o esporte, como profissionais ligados a ele, discutindo-o, analisando-o,

compreendendo-o e transformando-o no sentido da sua constante humanização.

Do ponto de vista de algumas teorias, a vivência lúdica no esporte profissional é uma impossibilidade. Presa aos aspectos estruturais e estéticos da atividade lúdica, a teoria de Huizinga parte de uma visão idealizada do fenômeno esportivo, desconsiderando as contradições nele presentes e o dinamismo das relações sociais que nele se reproduzem e se modificam.

Quando tratamos o esporte do ponto de vista dos teóricos mais atuais, essa vivência lúdica configura-se como uma possibilidade real, mediada pelo ambiente social no qual a ação dos atores se manifestam. Nesse sentido, a ação lúdica no esporte instala-se num dado contexto histórico e ocorre como atitude intencional, permeada pelos interesses e motivações presentes neste quadro, considerando as limitações da realidade social e os diversos instrumentos de que dispõem os atores sociais para sua superação.

Do elitismo dos primeiros anos, (1894/1930), passando pela transformação do futebol em um fenômeno de repercussões sociais e culturais muito evidentes no Brasil, (1930/1966), até o atual momento, onde se colocam como aspectos centrais, o discurso da modernização e a aplicação da ciência e da tecnologia, (1966 em diante), muitos valores e significados se colocaram, e carecem ainda de uma leitura mais aprofundada no seu sentido social e cultural.

Alguns desses valores e significados podem estar presentes na leitura dos aspectos lúdicos da ação dos personagens envolvidos no cotidiano do futebol profissional brasileiro, em especial dos jogadores.

O historiado Dario José dos Santos tem sua trajetória como jogador profissional de futebol inserida na história do futebol brasileiro a partir de 1968, portanto integralmente alocada na última fase da periodização proposta. Acreditando na historicidade e na multidimensionalidade do ser humano, construído a partir de suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo, buscamos no passado explicações para algumas das ações relatadas pelo historiado neste último momento histórico. Essa afirmação fundamenta-se também em Pinto quando coloca que “em cada sociedade específica, em cada momento histórico, o corpo aprende, cria-se e recria-se a partir da experiência acumulada.”¹⁶

O aparecimento de um jogador como Dario José dos Santos, a partir do final dos anos 70, reforça a idéia de que o estilo brasileiro de prática do futebol, criado ainda nas primeiras décadas deste século pela introdução dos diferentes elementos sociais no seu cotidiano, ainda possui elementos presentes remanescentes, a despeito de mudanças nos seus paradigmas e das inovações trazidas pela modernidade. Mesmo nesse último período, quando já estavam colocados os indicativos de uma nova etapa no futebol brasileiro, marcada pela introdução do discurso da

modernização e pela modificação do perfil de alguns dos sujeitos sociais nele envolvidos – principalmente dirigentes, treinadores e preparadores físicos – ainda foi possível a um jogador como Dario construir, à sua própria maneira, a sua trajetória dentro do futebol profissional.

A história de vida de Dario José dos Santos nos dá pistas para crer que a construção do “corpo esportista brincante”, através da vivência lúdica do futebol profissional, constitui uma possibilidade. Sua trajetória de vida contextualizada no cenário da história do futebol brasileiro pode ser vista como representativa de uma coletividade.

O futebol tem sido, ao longo de sua história, o cenário para a construção de trajetórias individuais marcantes. A história pessoal de Dario desenvolveu-se com características específicas, que geraram um estilo inconfundível, vinculando-se também aos aspectos gerais da história do futebol no Brasil e à trama de relações e interesses presentes no contexto sociopolítico mais amplo. E a despeito de todas essas determinantes, seu modo de expressão ainda esteve marcado por sua forma de encarar o futebol, a sua criatividade e sua criticidade expressas em suas ações.

O estilo de Dario José dos Santos como jogador foi construído com base numa série de fatores que estão para além de sua atuação no campo de jogo. Na realidade, trata-se da construção ou da reinvenção própria de um novo arquétipo de jogador de futebol. A técnica *sui generis*, os atributos físicos construídos, no seu imaginário, a partir da sua própria condição social e não apenas do treinamento, o discurso atrativo, ligando os acontecimentos do futebol aos da vida cotidiana do País e das pessoas das cidades em que atuava, enfim, todas essas características apresentadas por Dario José dos Santos traduzem sua trajetória singular como jogador profissional de futebol, mas refletem também as medidas do contexto social e histórico da sociedade onde ele se insere. A história de vida de Dario é, portanto, ao mesmo tempo, única e universal.

É importante enfatizar que, embora pouco refinada do ponto de vista da técnica, a atuação se mostrou extremamente competitiva em todas as agremiações em que Dario José dos Santos atuou como jogador, o que possibilitou a sua manutenção enquanto profissional de futebol. Os seus inúmeros gols faziam com que Dario fosse útil às equipes do ponto de vista do espetáculo, mas também lhe permitiam diferenciar sua relação com os outros atores sociais, na medida em que ele utilizava os seus gols para a sua comunicação e para a valorização do espetáculo.

O historiado associa o desenvolvimento de sua técnica e atributos físicos no futebol profissional com os próprios acontecimentos cotidianos de sua vida. Segundo Dario, a sua grande impulsão vertical relaciona-se, segundo ele, à atividade de saltar muros para pequenos roubos; a sua velocidade está vinculada ao fato de ter “corrido da polícia”. Além disso, ele assume a

¹⁶ PINTO, 1994.

paternidade de determinados detalhes de sua técnica, dando-lhes nomes e singularizando seus gestos. A construção do corpo esportista brincante de Dario José dos Santos não passa apenas pela dimensão técnica, ela é fruto também da edificação de uma linguagem própria, com frases e expressões que marcam a sua passagem pelo futebol. É, possivelmente, um exemplo singular no futebol brasileiro, da construção de uma imagem de jogador com base em declarações à imprensa, à torcida, aos outros jogadores, estabelecendo canais de comunicação muito amplos que envolveram os diversos atores sociais em inúmeras situações, de uma maneira não agressiva, as vezes sutil, as vezes atrapalhada, usando a alegria e irreverência a de sua figura.

Sua forma peculiar de comunicar-se com os outros personagens no cotidiano do futebol gerou uma linguagem própria, da qual fazem parte inúmeras expressões, as promessas e os nomes dos gols, as homenagens e um contato muito próximo com o torcedor. As suas expressões são, geralmente, associadas à criação da imagem do “Dadá”, chamado por ele, na terceira pessoa, como um personagem que possui autonomia e uma capacidade de aglutinação dos outros sujeitos sociais em torno de si. Em uma autodefinição, Dario coloca, a existência independente de dois personagens: Dario e “Dadá”.

Um outro aspecto de suma importância para a compreensão da trajetória de Dario José dos Santos é o modo como ele domina e utiliza, mesmo que intuitivamente, os diversos recursos oferecidos pela mídia, principalmente a televisão e o rádio. Esse fator permitiu-lhe obter um amplo alcance de comunicação raramente visto, sobretudo com o torcedor. A capacidade de mobilização dos recursos da mídia conferiu-lhe uma proximidade muito grande com os outros sujeitos sociais. Essa utilização intencional das suas expressões foi comentada em diversos depoimentos dos outros atores sociais com os quais tivemos contato.

Dario José dos Santos mistura realidade e fantasia nas suas declarações e no seu modo de viver o futebol. No seu discurso fica evidente a singularização de fatos ocorridos, através de uma linguagem própria, que envolve os outros atores sociais em seu mundo mágico. Com essa atitude, ele consegue promover os jogos e sua imagem, veiculando, através de sua expressividade, não só o prazer, a alegria e a irreverência, mas também sua crítica e sua criatividade. É importante notar que, embora circunscrita a um ambiente de alta competição, sua relação com os outros sujeitos sociais, inclusive dos pertencentes às equipes opostas, se desenvolve num clima de respeito, considerando a sua importância para o espetáculo do futebol. Na forma de Dario se expressar não haviam adversários, mas sim companheiros, com os quais produzia os espetáculos de futebol.

A reinvenção de um estilo próprio de jogar, a criação de uma linguagem própria, a construção dos vários “Dadás” e a relação diferenciada com os outros

atores sociais envolvidos no cotidiano do futebol permitiram a Dario José dos Santos a construção de uma trajetória ímpar dentro do futebol, unindo o desempenho à irreverência; aproximando o mundo imaginário dos vários “Dadás” vinculados profundamente à alma do torcedor ao mundo real do futebol profissional brasileiro. Dario é, possivelmente, uma expressão de vários elementos criados ao longo da história do futebol brasileiro. Ele personifica a dialética da vida em sociedade. Ele sintetiza, em suas ações, os conflitos e contradições da elite e do povo, da cultura nacional e dos estrangeirismos, dos valores do “futebol-arte” e do “futebol-força”, a seriedade e a festa, o tradicional e o moderno.

É com base nesses diversos aspectos, gerados ao longo de mais de cem anos de história do futebol no Brasil, que surge “Dadá”. Não único, mas muitos. Certamente, uma construção edificada pelas diversas interfaces e contradições da vida nacional com o futebol. Os vários “Dadás”, construídos pelas torcidas, pela imprensa, pelos dirigentes e políticos e pelo próprio Dario, dão testemunho de que ainda foi possível, apesar de todas as forças contrárias, a constante e indefinida renovação do futebol no Brasil, não só nos seus aspectos técnicos, mas também no seu imaginário, no seu poder de dramatização das questões da vida nacional e de resistência cultural do nosso povo, tendo como instrumento a ludicidade das suas ações. Nesse sentido a análise da história de vida de Dario José dos Santos fornece indicações de que a dicotomia entre ludicidade e esporte profissional pode ser superada, na medida em que as ações dos sujeitos podem operar-se com base em princípios que estão para além do resultado a qualquer preço. A história de vida de Dario nos parece um argumento suficientemente forte para confirmar a possibilidade dessa superação. Ela oferece elementos para a continuidade das discussões do esporte como campo de embate das teorias sobre a ludicidade e o esporte.

A trajetória de Dario José dos Santos possui dimensões singulares, mas também contém elementos que permitem uma análise mais ampla dos interesses e da atuação dos diversos atores sociais no âmbito do futebol profissional brasileiro. À medida que os agentes sociais, principalmente os jogadores, tomam consciência da relevância do seu papel, eles podem produzir um esporte revigorado em seus aspectos lúdicos.

O esporte, enquanto uma construção sociocultural, está em constante processo de recriação e transformação. Os diversos sujeitos que nele atuam exercem papéis diferenciados, vinculados aos variados interesses das diversas camadas sociais que o reproduzem. Dario é um exemplo desse fato. Os movimentos de conformismo e resistência presentes na nossa sociedade refletem-se também no futebol brasileiro, que se apresenta como fenômeno possuidor de inúmeras nuances quando interage com os interesses das diversas camadas que compõem a sociedade brasileira. O futebol foi no passado, é no presente e poderá continuar sendo, no futuro, um

campo fértil para discussões importantes da vida nacional, espaço de contradições no embate inerente ao seu processo de assimilação e construção cultural.

No Brasil, o futebol possui uma importância cultural marcante na vida social. Ele possui um elevado poder de aglutinação, visto que nele transitam os mais diversos interesses colocados ao longo de sua história.

O futebol no nosso País vem representando, pela sua abrangência cultural, um instrumento para diversos usos no cenário brasileiro.

Para os políticos e a cartolagem, em função de o futebol mobilizar grandes legiões de aficionados, tem servido para alavancar o seu poder eleitoral e sua capacidade de barganhar favores.

Para a mídia em geral, representa um largo campo para a veiculação de ideologias e atitudes, além de veicular produtos através da venda de espaços publicitários, fato que lhe atribui um enorme poder econômico. A influência da mídia televisiva é tão marcante que, por vezes, chega a interferir nas regras dos esportes, na organização de campeonatos oficiais, determinando o calendário, os horários e locais dos jogos, as formas de disputa.

Para os jogadores e o povo em geral, representa também, pelo menos no imaginário, oportunidade de ascensão econômica e de alcançar um *status* social mais elevado. O jogador é o protagonista do espetáculo. Ele o produz na sua etapa mais significativa. O espetáculo esportivo é o clímax do envolvimento dos sujeitos sociais envolvidos no futebol, mas são os jogadores, os “artistas da bola”, “os palhaços do circo”, que o fazem materializar-se. Nessa perspectiva, o espetáculo esportivo pode, então, pelo poder dos seus principais atores, tornar-se palco para o festejar de todos e, por que não, espaço para denúncias das contradições da nossa sociedade, ao contrário de representar, como muitos colocam, o “ópio do povo”.

É também na perspectiva da ação dos atores sociais envolvidos no cotidiano social do futebol que se travam algumas das discussões centrais da vida nacional. Em alguns momentos, a capacidade de expressão dos jogadores é cerceada pelas contingências sociopolíticas. Tal censura possui inúmeras fontes, como, por exemplo, os governos. Desde Washington Luiz, em 1927, passando pelo populismo de chefes de estado e pela ditadura militar, até nossa recente história, os governos têm procurado interferir direta ou indiretamente no mundo do futebol ou, pelo menos, nos momentos de glória, compartilhar de sua popularidade. Algumas vezes, outros interesses aproveitam-se do poder de envolvimento da população que possui o futebol no Brasil, promovem-se através do futebol, outras vezes ditam as regras do jogo, impedem declarações, vetam e apontam jogadores.

Outra fonte de cerceamentos, muito mais recente e talvez até mais poderosa que os governos, são os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão. A entrada da televisão no mundo do futebol, dentre outras

coisas, trouxe o cerceamento do tempo no espetáculo futebolístico. “Precisamos transformar o futebol num espetáculo televisivo”, esta é a máxima. Essa intenção impediu, por mais de dez anos, que os jogadores comemorassem os gols junto com as suas torcidas nos estádios, limitando a comemoração às quatro linhas que cercam o campo de jogo. Ficaram impedidas, também, as coreografias dos jogadores. Tudo isso em função do “tempo da televisão”, que custa caro e não pode se curvar aos surtos de alegria dos jogadores e da torcida. Além disso, alguma comemoração com conotação mais política poderia ser vista por milhões de espectadores, e isto, representaria um risco muito grande.¹⁷

Apesar desses contratempos, o futebol, enquanto elemento de afirmação cultural do nosso povo, parece ter desenvolvido uma enorme capacidade de resistir às investidas, sejam elas quais forem. Em todas as épocas, o futebol brasileiro vem enfrentando suas mazelas. O elitismo, o racismo, a exploração do trabalho do jogador, o populismo, o autoritarismo, a exacerbação do poder econômico, todas essas formas de opressão, de manobra e de aviltamento de uma manifestação cultural tão rica tem sido enfrentadas pelo futebol brasileiro. A sua capacidade de resistência cultural tem sido colocada à prova repetidas vezes.

O futebol se transforma, evolui, traz consigo um constante movimento de avanço e retrocesso, de conformismo e rebeldia. Embora o futebol, como toda manifestação cultural, tenha também assumido, ao longo de sua história, “um lado instrumental ou prático, ele também tem um enorme eixo expressivo e/ou simbólico que apenas diz e, com rituais, revela o que somos”.¹⁸

A nossa identidade cultural, enquanto povo e nação, confunde-se com a construção do futebol brasileiro. Ele é, como afirma Roberto DaMatta, um campo para dramatizações de diversos aspectos da sociedade brasileira. Numa sociedade dividida por inúmeros conflitos entre suas distintas camadas sociais, e que possui, no discurso dos seus mandatários, o descontentamento com “a cor, a indolência e a falta de seriedade” do nosso povo, fazendo apologia das coisas estrangeiras, o futebol tem representado a possibilidade de atuarmos de modo coordenado e de termos a experiência de vitória coletiva através de nossa própria forma de ser. Essa experiência exitosa, embora restrita à conquista de quatro Copas do Mundo, nos faz confiar em nossa “capacidade como povo criativo e generoso”.¹⁹

O esporte moderno como um todo desenvolve-se, nos dias de hoje, com base nos princípios da sociedade moderna ocidental, industrializada nos moldes

¹⁷ A Comissão Brasileira de Arbitragem no Futebol (COBRAF) determinou, no final dos anos 80, a proibição de comemorações dos jogadores junto às torcidas. Essa proibição foi extinta recentemente. Mas ainda existe uma vigilância de caráter moral e político sobre as comemorações coreografadas dos jogadores.

¹⁸ DAMATTA, 1994.

¹⁹ DAMATTA, 1994.

capitalistas. Ele é uma instância da ação do poder econômico e do poder político, figurando também no rol dos instrumentos de manutenção da ordem vigente e da manobra e comunicação com as massas. Esse uso político e social completa-se com a exacerbação do caráter econômico, a partir do momento em que uma dada modalidade esportiva configura um veículo para a comercialização dos mais variados produtos. Entre estes produtos estão não só as chuteiras e bolas, mas também as ilusões, os mitos e as falsas esperanças. Nessa ordem de valores, o pólo emancipador e transformador do esporte cede lugar à hegemonia do poder econômico e político no seu dia-a-dia.

Mas, apesar de todas as condições desfavoráveis na organização do esporte profissional no Brasil, o futebol tem-se revelado um campo fértil para a valorização do potencial lúdico e transformador do esporte. Isso ocorre em função de o futebol no Brasil, ao longo dos seus pouco mais de cem anos de história, ter encontrado o seu desenvolvimento na adoção de uma forma cultural que possui um profundo parentesco com a arte do povo, e uma vinculação nítida com a sua ludicidade expressa na sua linguagem, na sua técnica recriada a cada instante pelas fintas dos nossos jogadores. Os jogadores, como os demais atores sociais no cotidiano do futebol, podem se tornar elementos transformadores da ordem esportiva, e também da ordem social, na medida em que exerçam festivamente a sua criatividade e sua criticidade, desenvolvam a sua liberdade de expressão, sua linguagem criativa e empreguem a sua própria lógica no desempenho de suas atividades. Uma lógica que está para além da compreensão daqueles que só vêem a lógica do capital no esporte. Uma lógica que, em toda sua extensão, demonstra as contradições da nossa sociedade, seus movimentos de conformismo e resistência e, sobretudo, que atua com o potencial lúdico do esporte, e que em função disso, revela seu caráter transformador.

ABSTRACT

The life history of Dario José dos Santos, ex-soccer player, together with some interviews with some others social actors, such as ex-soccer players, coaches, journalists who reported on Dario, as well as the analysis of various sorts of audiovisual materials and other documentary sources have served as basic reference to the understanding of the actions of the professional soccer players in the light of literature on play. This methodological articulation revealed the Brazilian soccer as being a field where many social, economical, political and cultural interests are put together, and a scenery where the movements of conformism and sociocultural resistance are interlaced allowing it various subjects to carry out varied roles. Darios's life as a sportsman made clear the possibility of existing the playing experience in the daily life of the soccer professional and shows us the revolutionary and transforming potential of the professional sports as his actions were based mainly on

his pleasure of playing soccer, his respect for the others people limits, his creative for the collective construction of the moves in the games, as will as his joy of making people laugh and celebrate.

UNITERMS: Life history, play, sports.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208p.
- SANTIN, S. Educação física: **Da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre. Ed. EST/ESEF. 1994. 107 p.
- BRUHNS, H. T. **A dinâmica lúdica**. Universidade Estadual de Campinas. 1989. (Dissertação de Mestrado).
- ALBERTI, V. **História oral: A experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Trad. Marco Estevão. São Paulo: Hucitec, 1993. 178 p
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1992.
- QUEIROZ, M. I. P. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org). **Experimentos com história de vida (Itália- Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.
- PINTO, L. M. S. M. **Em busca do corpo esportista brincante**. In. SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES - Prefeitura de Belo Horizonte. **O LÚDICO E POLÍTICAS PÚBLICAS, REALIDADE E PERSPECTIVAS**. Belo Horizonte. SEMES/PBH, 1995. p. 99.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**. Dossiê do futebol. São Paulo, n. 22. p. 10-17, 1994.

Recebido para publicação em 24/09/96

Endereço para contato:
 Universidade Federal de Ouro Preto - Departamento de Educação Física
 (Campus do Morro do Cruzeiro)
 Rua: Diogo de Vasconcelos, 122 - Cep: 35.400-000 - Ouro Preto - Minas Gerais
 Fone: (031) 559-1517

